

Figueira, o cavaleiro da mastologia

Luiz Ayrton Santos Júnior¹

Figueira da Foz é uma cidade de Portugal que todos os dias dorme quando o sol deita sobre os fins do Atlântico. A cidade medieval olha no horizonte e mira o desafio dos grandes conquistadores todos os seus dias. As pessoas que nascem em Figueira da Foz possuem no horizonte distante um paradigma a ser vencido.

A garra dos templários foi um marco desbravador na humanidade. A expansão do catolicismo, sob a força das espadas, fez nascer um grupo cuja fidelidade era arma essencial para o sucesso: inserida nesta, está a confiança e o valor que damos aos amigos e como os identificamos. A espada é a lei; e o guerreiro, o rei dela.

Desde que me apresentou a Mastologia, foi assim que sempre vi Antonio Figueira Filho, o nosso “Tota” (como diziam dele, os amigos), no lidar com a questão do câncer de mama e a mastologia brasileira: horizontes a vencer; espada a integrar e lutar o bom combate.

Nascido em Recife (PE), tinha como desafio trabalhar pela mastologia como uma especialidade médica ainda não reconhecida no começo de sua vida profissional. Concluídos os estudos médicos em Recife em 1971, Figueira foi para o Rio de Janeiro (RJ). Rouco desde jovem, sempre falava aos olhos de quem o interpelava. Nas aventuras cariocas, estabeleceu o amor com uma prima, Elizabeth, com quem ficou casado até o falecimento dela.

Fez residência em cirurgia no Hospital de Ipanema no Serviço do Prof. José Hilário, por quem, por toda a vida, sempre teve uma admiração e enorme consideração. Em seguida, nutrido na bagagem por esta amizade e a do Prof. Ivo Pitanguy, seguiu rumo a Londres e foi parar no *Guy's Hospital*, onde trabalhou com o Prof. John Hayward, um dos pilares do estudo do câncer de mama no mundo por décadas (1960 a 1990). Em 1972, Hayward funda a *Breast Cancer Unit* no *Guy's Hospital* e recebe como seu aluno, vindo do Brasil, Antonio Figueira Filho para estágio. Assim, concomitantemente, Tota faz seu mestrado, com dissertação em Mastologia, na Universidade de Oxford em 1977, e deixa para, em 2000, obter o título de Doutor em sua terra natal.

No início dos anos 1980, de volta ao Brasil, Figueira abre o Instituto de Mama do Recife e começa a determinar que um médico deveria ter o conhecimento suficiente para o domínio das doenças da mama, pois o câncer de mama “será, na década seguinte, um grande flagelo para a humanidade”. Estava certo. A cada ano, via-se o câncer de mama ganhar, em números, o câncer de colo de útero que vitimava as mulheres brasileiras. Primeiro as sulistas, depois as nordestinas e, agora, nesta década, as nortistas.

De uma família tradicional portuguesa, os Figueiras ainda fazem sua saga histórica nas terras pernambucanas. Seu pai era professor catedrático de Pediatria na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), reitor da Universidade de Pernambuco (UPE) e não poderia ser diferente os dizeres do seu diploma de médico: “Eu, Antonio Simão dos Santos Figueira, nomeio e constituo médico Antonio Simão dos Santos Figueira Filho, filho de Antonio Simão dos Santos Figueira. Assinam: Antonio Simão dos Santos Figueira e Antonio Simão dos Santos Figueira Filho”.

O Prof. Antonio Simão dos Santos Figueira, com o irmão Fernando Figueira, eram dois dos mais eminentes médicos da cidade nesta ocasião. Fernando realizou e edificou o Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP) — um templo consagrado da prática

¹Departamento de História da Medicina e de Bioética da UFPI e da UESPI; Liga de Mastologia (PI). Instituto de Mama do Piauí; Academia de Ciências do Piauí e Academia de Medicina do Piauí; Membro da Academia Brasileira de Médicos Escritores; Federação Brasileira de Academias de Medicina (FBAM) e Federação Brasileira de Instituições pela Saúde da Mama - FEMAMA; Fundação Maria Carvalho Santos. Endereço para correspondência: Luiz Ayrton Santos Júnior – Instituto de Mama do Piauí – Rua São Pedro, 3125 – Ilhotas – CEP 64001-260 – Teresina (PI), Brasil – E-mail: mastologia@mastologia.com.br

médica, formador de novos profissionais e com recordes incontáveis de benevolência para a cidade e para a medicina brasileira. Como reitor, Figueira pai colocou o filho nas entranhas da Universidade de Pernambuco, trabalhando no Centro de Oncologia do Hospital Oswaldo Cruz (CEON), que prontamente começou a receber suas cirurgias mamárias no hospital. Era o início dos anos 1980.

A habilidade do jovem mastologista se diferenciava da dos outros de sua época por realizar as cirurgias de mama na sua plenitude: aliava a ciência da mastologia e arte da cirurgia plástica. Pioneiro, entrei com ele na primeira cirurgia realizada no hemisfério sul da reconstrução mamária com a técnica do músculo reto anterior transversal do abdome (TRAM): desafios para por o nome de nossa Recife e do Brasil na história e antecipando as cirurgias oncoplásticas atuais.

Figueira era um destemido na relação com os amigos. Defendia-os a todo custo. Tinha uma relação de amizade com os mais importantes expoentes da mastologia na América do Sul e no mundo. Trouxe ao Brasil, por várias vezes, o Prof. Cáceres, do Peru; o Prof. Uriburu, da Argentina; e, mais recentemente, o Prof. Manuel Cymberknoh. No Brasil, para ele, era intocável a amizade que nutria por Ivo Pitanguy, José Aristodemo Pinotti, José Antonio Ribeiro Filho, Henrique Salvador Silva, Ézio Novais Dias, Lair Ribeiro, José Baptista da Silva Neto, Maciel Matias, Sérgio Juaçaba, Marconi Luna e mais recentemente Alfredo Carlos Simões Dornelas Barros e Ruffo de Freitas Junior. De Alfredo dizia “ninguém dá uma aula tão didática como ele”. Elogiar os amigos sempre era sua ordem do dia.

Fundou uma escola de Mastologia com treinamento de vários médicos vindos do país inteiro para colher seus ensinamentos. Assim, ao abrir o seu Instituto de Mama do Recife, com esses alunos, deu origem ao Instituto de Mama do Piauí (Luiz Ayrton Santos Junior), Instituto de Mama de Mossoró (José Francisco Vieira de Paula), Instituto de Mama da Paraíba (Cláudia Studart Leal), Instituto de Mama de Natal (Vera Barreto), Instituto de Mama do Cariri (Ricardo Souto Quidute), dentre tantos outros; e deixando um legado concreto do ensino e da prática da mastologia.

No final dos anos 1980, com a criação da disciplina de Mastologia na Universidade de Pernambuco, tornou-se o primeiro professor de Mastologia do mundo.

Quando a Associação dos Ex-alunos do Prof. Figueira (APAFF) foi criada, em 28 de junho de 1998, na ocasião, estavam inscritos 67 pessoas, entre eles um médico do Egito, uma da Escócia e outra dos EUA. Todos ex-alunos, dos quais alguns se tornaram notáveis mastologistas e outros trilham por outros caminhos diferentes, como Maria do Carmo Assunção, que virou patologista em São Paulo (SP), Patrícia Sobral Luna Quidute, que virou radiologista em Juazeiro do Norte (CE) e Rossano Robério Fernandes Araujo, que trilhou pela oncologia em Recife. Seu braço direito, por décadas, foi João Esberard Beltrão, o fiel escudeiro nas cirurgias. Tomas Yung Joon Kim instalou-se no interior de São Paulo, João Henrique Pena Reis e Márlova de Ávila G. C. Dutra Câmara em Minas Gerais, Eulina Helena Ramalho de Souza em João Pessoa (PB), Lívio Portela Cardoso Coelho em Picos (PI), Márcia Dallyane Sant’Anna da Costa Freitas em Fortaleza (CE), onde presidiu o Congresso Brasileiro de Mastologia, dentre tantos outros.

Além da Sociedade Internacional de Senologia, que ajudou a fundar, também na Sociedade Brasileira de Mastologia, nos últimos 30 anos, não houve nenhum congresso e nenhuma eleição que não tivesse tido o seu dedo. Presidiu a Sociedade Brasileira de Mastologia de 1989 a 1992.

Figueira ocupou a presidência da Sociedade Internacional de Senologia (SIS) e trouxe para o Brasil o VIII Congresso Mundial de Mastologia no Rio de Janeiro em 1994 e XIII Congresso Mundial de Mastologia em Recife em 2004. Pragmático, se tivesse um problema a resolver, o fazia pessoalmente. Assim, não era difícil vê-lo pegar um avião para ir a Buenos Aires, na Argentina, e voltar no mesmo dia.

Fundou a Revista Brasileira de Mastologia, órgão oficial da Sociedade Brasileira de Mastologia, e participou de todos os congressos brasileiros de Mastologia, com exceção do último em Curitiba (PR) em 2015. Participou de mais de 1.200 congressos médicos e apresentou mais de 300 trabalhos científicos. Publicou 5 livros e em 2000 teve a imensa satisfação de vê-lo prefaciando um dos meus.

Criou a Associação Pernambucana de Amigos do Peito, uma instituição filantrópica de ajuda às pessoas com câncer e era consultor científico do Instituto Materno Infantil de Pernambuco. Foi homenageado por várias instituições.

Aos 24 dias de fevereiro de 2013, Figueira recebe, entristecido, a notícia da morte de seu principal ídolo, o Prof. John Landford Hayward, em Londres, aos 89 anos. Dia escuro em tempos cinzas.

Ao morrer, aos prematuros 68 anos de idade, na cidade do Recife, em 20 de julho de 2015, Figueira ocupava o cargo de Diretor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco, eleito há um ano, era viúvo e deixou quatro filhos e quatro netos. Seu primo, de nome semelhante, Antonio Figueira vem mantendo a saga da família e ocupando cargos importantes em Recife, como o de Secretário de Saúde, e atualmente é o Secretário da Casa Civil do Estado de Pernambuco. Seu filho, Guilherme, trilha os caminhos da Medicina. Com a morte de Tota, a UPE decretou sete dias oficiais de luto.

O sonho da construção da vida de um médico não termina quando termina a vida dele. A ele é entregue a espada da cura e da amenização do sofrimento humano. A espada, emprestada, fica fixa às mãos habilidosas para os desafios que ela enfrenta, todos gloriosos! E a espada entregue a Tota foi tão bem conduzida por ele que, o transformou num 'Cavaleiro da Mastologia', de modo indelével, inquestionavelmente.